

5. A acusação de si que justifica

A parábola do fariseu e do publicano ensinou a toda a tradição cristã e monástica que a acusação de si mesmo justifica, isto é, nos faz corretos, obtém da misericórdia de Deus o perdão que redime o pecador, o perdão que salva o pecador da condenação que merece.

Este é um tema muito presente na Regra. Meditando sobre os capítulos penitenciais, que às vezes preveem punições severas, no entanto, normais no tempo de São Bento, sempre me impressionou o fato de que, quando o irmão culpado, admite a culpa, quando acusa aquilo que fez de errado, não é punido, não deve mais descontar sua culpa. E, no fundo, cada punição, compreendida a excomunhão da vida de comunidade, tem sempre a finalidade de ajudar o irmão a ser consciente de sua culpa, de admiti-la, isto é, se acusar humildemente. Então, é quase imediatamente perdoado e restabelecido na comunhão de oração e de vida com a comunidade. Na acusação humilde de si, existe um poder de justificação que não requer outras ações, outras penitências.

Basta citar o capítulo 46, que é um pouco o resumo de todos os capítulos penitenciais: "Se alguém, ocupado em qualquer trabalho na cozinha, no celeiro, no cumprimento de uma ordem, na padaria, na horta, enquanto trabalha em algum ofício e em qualquer lugar que seja, cometer alguma falta, quebrar ou perder qualquer coisa, ou exceder-se em qualquer lugar e não vier imediatamente, diante do abade e da comunidade, espontaneamente, satisfazer e revelar o seu delito, quando a culpa for conhecida por outro, seja submetido a maior castigo." (RB 46,1-4)

A primeira constatação que podemos fazer, lendo este capítulo, é que toca a todos nós. Quem dentre nós, pode pretender não errar nunca, nunca ter distrações, nunca fazer um movimento desjeitoso enquanto trabalha ou simplesmente vive o seu dia? Graças a Deus, não somos máquinas, não somos relógios suíços, e cada dia, nos acontece algum pequeno ou grande incidente, alguma irregularidade. Aqui, São Bento, fala apenas de erros físicos, exteriores, visíveis. No final do capítulo, acrescenta uma frase sobre os pecados escondidos: "Mas, se a causa de seu pecado estiver escondida na alma, manifeste-o somente ao abade ou aos conselheiros espirituais, a alguém que saiba curar as próprias chagas e as dos outros e não as revela e conta em público." (RB 46,5-6)

De qualquer tipo de erro ou pecado se trate, o cuidado começa sempre da acusação de si, diante do abade e da comunidade, ou diante de um padre espiritual.

No fundo, se percebe deste capítulo, que para São Bento, não é grave errar e, nem mesmo pecar, porque sabe que somos todos frágeis e pecadores. Aquilo que é grave, ao invés, e deve ser punido severamente, é a tendência a esconder o próprio erro, a tendência a não reconhecer o próprio pecado. São Bento sabe que o erro escondido, o pecado não confessado, em vez de ser apenas um incidente de nossa fragilidade física, espiritual ou moral, se torna uma proposta, se torna uma escolha, se torna, em nós, como um caminho para a morte, que decidimos seguir.

O erro e o pecado, que não são reconhecidos como tal, que não acusamos, por isso não mostramos arrependimento e desejo de conversão, gradualmente nos determinam, determinam, sempre mais, a nossa pessoa.

Na minha comunidade, havia um irmão ancião que tinha o nome e a personalidade de São Pedro. Quase todos os dias, tinha problema com um ou outro irmão, ou com os hóspedes, discutia ou quebrava alguma coisa, porque queria fazer sozinho, sem pedir ajuda. No entanto, depois de cada falha, sempre encontrava uma maneira de se desculpar, para mostrar que estava arrependido, para se reconciliar. Por isso, suas falhas, sua personalidade, nunca determinaram sua pessoa, mais do que a sua vocação, e nos deixou uma ótima lembrança.

A humildade de reconhecer as próprias falhas redime tudo, e faz com que a vida nunca seja determinada pelo nosso pecado, mas pelo desejo de bondade, verdade e paz, pelo qual, fomos feitos e chamados. A vida permanece cheia de erros e pecados, mas continua a ser uma vida de conversão, uma vida voltada para o bem, isto é, a Deus. E isto muda tudo, também a realidade que nos rodeia, e, sobretudo, a relação com os outros. Um irmão, com quem, você brigou e vem pedir perdão, antes de você, se destaca como um forte testemunho de verdade de vida, que enche de arrependimento, por não estar tão disposto a se converter como ele.

É como quando os publicanos e as prostitutas vinham pedir perdão a Jesus, vinham chorar aos seus pés, como a pecadora na casa de Simão, o fariseu (cf. Lc 7,36-50). Jesus sempre aproveitou para lembrar seus discípulos e os "justos" fariseus, para examinar suas vidas, para perceber que também neles havia impureza e pecados, mas ao contrário destes pecadores, eles não se arrependiam e não se acusavam publicamente, e por isso, permaneciam escravos do pecado. O orgulho que não reconhece o pecado, que não se acusa, fossiliza o mal na nossa vida, se torna rígido e sólido, um peso que determina e impede todo o caminho da vida. Perdemos a liberdade diante do mal e do pecado. Tornamo-nos escravos.

Aquilo que nos livra, aquilo que nos liberta do mal, é portanto, a humildade de reconhecê-lo. E São Bento nos ensina, que a nossa comunidade é o instrumento desta libertação, na medida em que nos apresentamos à esta como os pecadores do Evangelho, que se apresentavam a Jesus. A comunidade cristã, é o Corpo de Cristo, onde aos pés podemos exprimir nosso arrependimento, acusar nossas culpas, e o simples ato de reconhecer culpados, nos liberta da culpa, impede à culpa de determinar nosso ser.

Quando o filho pródigo volta ao pai, durante todo o caminho se repete a acusação que quer expressar na frente dele: "Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus trabalhadores." (Lc 15,18b-19)

Notemos que esta humilde acusação do próprio pecado, o filho pródigo a expressa no momento em que "entrou em si", isto é, quando inicia sua conversão (Lc 15,17). A

decisão de reconhecer o próprio mal, é o início da conversão, do retorno ao Pai. O jovem, acusando-se, propõe também uma punição pelo seu mal: "Trate-me como um dos teus trabalhadores". Sabe de não ser mais digno de ser tratado como um filho. Quando nos acusamos realmente, se está também dispostos a pagar a própria dívida, a receber uma punição justa.

Quando o jovem se encontra diante do pai, repete a sua acusação – "Pai, pequei contra o Céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho" (Lc 15,21) – mas não faz em tempo de propor a punição que está disposto a sofrer: o pai já está correndo para envolver toda a casa, para acolher com festa o filho, e lhe concede toda a dignidade filial, sem pedir, nem mesmo, um mínimo de expiação.

A acusação é suficiente; a acusação humilde coincide com o retorno ao pai, que recebe, imediatamente, o perdão e a reintegração na família. Então entendemos, que São Bento, reproduz, justamente, esta cena cada vez que um irmão, uma irmã, se apresenta, espontaneamente, para se acusar das próprias falhas.